

↓
Variação e
preconceito linguístico
no contexto do Vale
do Jequitinhonha

Carlos Henrique Silva de Castro

Língua, variação e mudança linguística

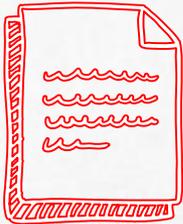
Labov ([1972] 2008)

A língua é heterogênea, mas essa variedade é regulada por questões linguísticas e extralinguísticas.



Variações podem se dar em vários níveis:

- ▣ Lexical;
- ▣ Sintático;
- ▣ fonético-fonológico;
- ▣ pragmático-discursivo.

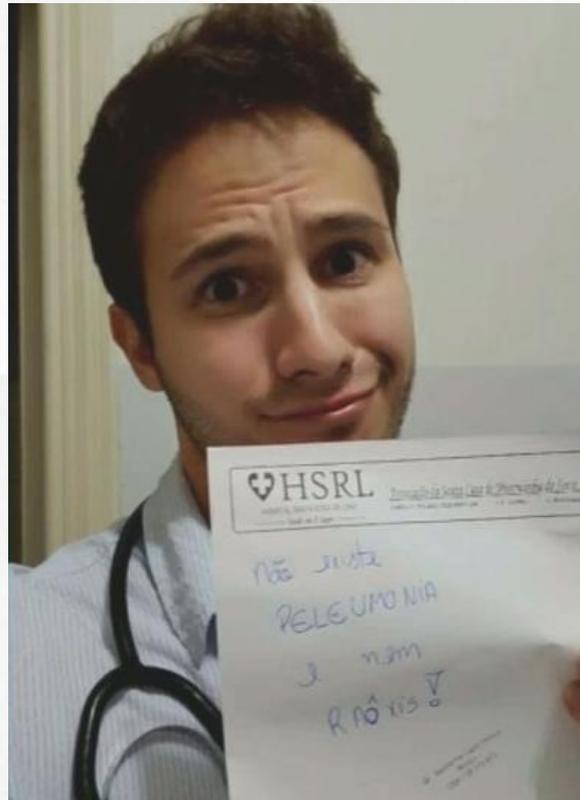


E por várias questões:

- ▨ Históricas;
- ▨ geográficas;
- ▨ sociais;
- ▨ idade;
- ▨ sexo/gênero;
- ▨ escolaridade;
- ▨ profissão;
- ▨ oral para escrito.



Não existe PELEUMONIA e nem RAÔ xis!



Guilherme Capel, Serra negra/SP

Existe PELEUMONIA!

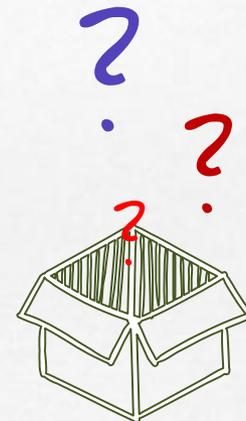


Júlia Rocha, MG

"Eu mesma já vi várias. Inclusive com febre interna que o termômetro num mostra. Disintiria, quebranto, mal olhado, impíngi, cobreiro, vento virado, ispinhela caída. Eu tô aqui pra mode atestá. Quem sabe o que tem é quem sente. E eu quero ouvir ocê desse jeitinho. Mode a gente se entendê. Por que pra mim foi dada a chance de conhecê as letra e os livro. Pra você, só deram chance de dizê. Pode dizê. Eu quero ouvir."

Provocações

- Qual seria a variante 'certa'?
- Qual língua aparece nas gramáticas normativas?
- Quais as variedades menos valorizadas?
- O que ensinar na escola?



Bagno (2015)



Certo ~~X~~ errado

Bagno (2015)



adequado x inadequado





(...) a grande missão do professor de língua materna – no ensino da língua estrangeira o problema é outro – é transformar seu aluno num poliglota dentro de sua própria língua.



Evanildo Bechara
(1999)



O preconceito linguístico *é uma decorrência de um preconceito social.*

Bagno
(2015)





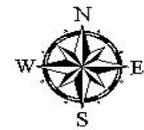
Tudo o que escapa do domínio linguístico delimitado pelas gramáticas normativas é “corruptela”, é “feio”, é “errado”.

Não é “língua de gente” ou, quando muito, é língua de seres humanos degradados, os párias da sociedade. Por isso Napoleão Mendes de Almeida fala de “língua de cozinheiras” ou de “infelizes caipiras”, Luiz Antonio Sacconi condena a “língua de jacu” ou de “asnos”, enquanto Eduardo Martins a atribui a “índios”. (p. 31)

Bagno
(2000)

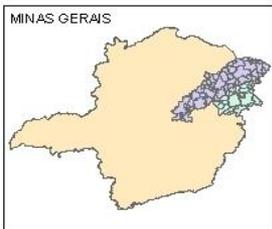


O que dizem os sujeitos pesquisados no Vale do Jequitinhonha?



Legenda

- ◆ Sedes Municipais
- Vale do Mucuri
- Vale do Jequitinhonha



SÃO GONÇALO

VEREDINHA

PADRE JOÃO AFONSO



30 15 0 30 Km
Projeção Geográfica Lat/Long
DATUM WGS 84
Escala 1:750.000



Campo x Cidade

- S1: (...) Claro que sempre em uma ocasião ou outra fazem piadas com relação ao sotaque, ao meu jeito de falar.



Campo x Cidade

- ▣ S2: Com certeza já fui menosprezado pela maneira com que eu falo, principalmente, quando chego em uma cidade grande. Eles já falam: 'você é do interior né'.



- ▣ S2: (...) assim que conclui o Ensino Médio, fui para São Paulo. Quando comecei a trabalhar, os colegas de trabalho ficavam caçoando o tempo inteiro do meu jeito de falar, e pedia para repetir e riam.
- ▣ S2: Como se não bastasse, o rapaz me pegou pelo capuz da blusa e fez eu repetir *ardeia* para o bar inteiro.

Campo x Cidade

- ▣ S3: (...) em 2010, fui selecionado para participar do Parlamento Jovem em BH (...). Nesse contexto, eu senti um certo preconceito pela minha maneira e jeito de falar, sotaque, essas coisas.



- ▣ S3: A segunda vez foi quando fui fazer graduação, e aí alguns colegas criticavam demais, até zoavam, o meu jeito de falar, o sotaque, as expressões regionais etc.

Classe social



▣ S4: (...) me mudei para a cidade para estudar. Como minha família não tinha condição de me manter na cidade, fui trabalhar como empregada doméstica, além de cuidar das tarefas da casa cuidava de uma menina de 5 anos de idade.

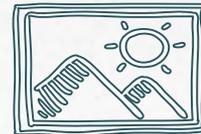
▣ S4: (...) Minha patroa era professora e ficava corrigindo minha fala o tempo inteiro. No meu primeiro dia de trabalho aconteceu um fato que me lembro até hoje: fiz o almoço, coloquei no prato para a menina que eu cuidava, e ela não quis comer, aí eu disse: “Dexa eu tratar docê.” E a menina não entendia, aí veio a mãe dela, e disse: “Ela não entende esse jeito que vocês falam lá na roça (...).”

Classe social

- ▣ S4: A todo momento me policiava na fala, teve outros lugares que trabalhei, em casa de família grã-fina, que quando faziam festa de aniversário, eu tinha que ficar na cozinha, e era proibida de conversar com os convidados, por causa do meu jeito “errado” de falar.



Outras questões



▣ S5: (...) Aí eu disse brincando "se eu tivesse dinheiro arranjava um ônibus pra levar cês tudo". Minha amiga logo me repreendeu: "cês tudo??? VOCÊS TODOS, XXX!" Fiquei bastante sem graça...

▣ S5: Estavam [colegas de serviço] falando sobre uma determinada pessoa conhecida. Nisso, eu disse "eu vi ela em Diamantina"... O meu colega olhou pra mim e me corrigiu "eu a vi, viela é rua". A nossa colega completou: "Muito bem, fulano! O português bem falado é bonito!".

Outras questões

- ▣ S6: (...) no trabalho foi em razão de cortar as palavras. Algo que, convenhamos, é próprio de mineiro.
- ▣ S6: Não tão explícito, ocorreu em uma visita ao Ministério Público (...) a repreensão foi com um olhar, uma linguagem facial. Então, sem buscar discutir sobre a sociolinguística ou o preconceito linguístico, busquei responder fazendo uma exposição do caso “utilizando o português adequado”, de forma irônica, meio que dizendo como se escreve (...).



Opressão e submissão



- ▣ S7: (...) a partir daí comecei a trocar minhas gírias do campo para as gírias da cidade.
- ▣ S7: Antes eu me culpava quando alguém falava sobre o meu modo de falar, ou mesmo quando não falavam eu sentia que estava falando "errado". Isso me reprimiu muito, já deixei de me expressar várias vezes por receio do julgamento dos outros em cima da minha maneira de falar.

O papel da universidade

- ▣ S8: (...) estou tendo a oportunidade de ver, na UFVJM, que a língua não cabe nessas percepções restritas que a maioria das pessoas têm.
- ▣ S8: (...) posso perceber que, mesmo estando em espaço informal, a variante da cidade tem mais prestígio que a do campo. Com certeza esse fato que me ocorreu, mostra a necessidade de se trabalhar a língua de forma geral e não reduzida a aspectos gramaticais.

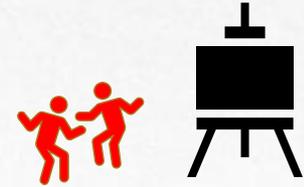


O papel da universidade

- ▣ S9: (...) meu pensamento sobre preconceito linguístico mudou após entrar na universidade, afinal nem sabia direito o que era isso, apesar de que sempre foi algo presente no nosso dia a dia. Ressalto aqui que já tinha cursado Letras em uma universidade particular, mas, infelizmente, esse assunto não recebeu a merecida e devida atenção. (...)
- ▣ S9: (...) Hoje eu vejo que meu modelo de educação me ensinava a negar minha cultura e identidade, via o meu meio, o campo, como lugar atrasado, onde a evolução estava na cidade.



O papel da universidade



- ▣ S10: (...) precisamos dominar sim o português de acordo com a gramática normativa, mas não precisamos utilizá-lo em todos os espaços. (...) é preciso ter bom senso e ser um pouco anárquico para demonstrar um modo de expressar próprio da “aldeia de onde saímos”.
- ▣ S10: Não tem como querer uniformidade em um país que tem mais de 100 línguas. Ter 100 línguas não deveria ser razão para uniformizar a língua, mas para aceitar a sua variante e as outras diferenças. Ao meu modo de ver, diferentes línguas e diferentes formas de falar a mesma coisa, até mesmo numa mesma língua, demonstram formas diferentes de pensar.

Polêmica do livro Por uma Vida Melhor (RAMOS, 2011)

Existe outro tipo de concordância: a que envolve o verbo. Observe seu funcionamento:

Na norma culta, o verbo concorda, ao mesmo tempo, em número (singular/plural) e em pessoa (1.ª/2.ª/3.ª) com o ser envolvido na ação que ele indica.

Na variedade popular, contudo, é comum a concordância funcionar de outra forma. Há ocorrências como:

Nós pega o peixe.

nós → 1.ª pessoa, plural

pega → 3.ª pessoa, singular

Os menino pega o peixe.

menino → 3.ª pessoa, ideia de plural (por causa do "os")

pega → 3.ª pessoa, singular

Nos dois exemplos, apesar de o verbo estar no singular, quem ouve a frase sabe que há mais de uma pessoa envolvida na ação de pegar o peixe. Mais uma vez, é importante que o falante de português domine as duas variedades e escolha a que julgar adequada à sua situação de fala.

O menino pegou o peixe.
menino → singular
pegou → singular

Os meninos pegaram o peixe.
meninos → plural
pegaram → plural

O menino pegou o peixe.
menino → 3.ª pessoa
pegou → 3.ª pessoa

Eu peguei o peixe.
eu → 1.ª pessoa
peguei → 1.ª pessoa

Observação: Quando se refere à concordância, a palavra *pessoa* não tem o sentido de ser humano. Nesse contexto, *pessoa* refere-se aos envolvidos no ato de fala, que não precisam ser indivíduos. Existe aquele que fala (1.ª pessoa), aquele com quem se fala (2.ª pessoa) e aquele de quem se fala (3.ª pessoa). Exemplos:

Não vi sua revista, mãe.

(1.ª pessoa: o filho; 2.ª pessoa: a mãe; 3.ª pessoa: a revista).

Mas eu a deixei aqui!

(1.ª pessoa: a mãe; 2.ª pessoa: o filho; 3.ª pessoa: a revista)

Assista o vídeo
Bom Dia Brasil - Alexandre Garcia fala sobre uso da língua portuguesa:

encurtador.net/klyKT



Alexandre Garcia

0:52"

"A linguagem escrita
(...) diferencia o
animal homem dos
outros animais."

Carlos Henrique Silva de Castro
Luiz Henrique Magnani

MEMÓRIAS *de* LETRAMENTOS

vozes do campo



Baixe gratuitamente nosso livro:
www.ufvjm.edu.br/biblioteca



REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL

A screenshot of the UFVJM institutional repository website. The page features a navigation menu at the top with options like 'Serviços', 'Simplifique!', 'Participe', 'Acesso à Informação', 'Legislação', and 'Canais'. The main content area is divided into several sections: 'Noticias' with a sub-section 'Novo regimento do SISBI aprovado', 'Acesso remoto ao Portal de Periódicos da CAPES', and 'Avisos' with a sub-section 'Pagamento de Multas'. On the right side, there are links for 'Pesquisar no Acervo', 'Repositório Institucional', 'Fiche Catalográfica', and 'Nada Consta'. At the bottom right, there are logos for 'Associação Brasileira de Bibliotecas de Arquivos e Documentos' and 'períodos. Vozes do Vale do Mucuri'.

Muito Obrigado!

Questões ou comentários?
Serão muito bem-vindos!

 /carloscastrobh

 ccastrobr@gmail.com

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia. & exclusão social.** São Paulo: Loyola, 2000.

_____. **Preconceito linguístico.** 56ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa.** Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972. [**Padrões Sociolinguísticos.** Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.]

RAMOS, Heloísa. **Por uma vida melhor.** São Paulo: Global, 2011. (Coleção Viver, aprender)